

NÓS, OS DISCÍPULOS DE EMAÚS

Maria Flávia Figueiredo

LUCAS (24, 13-35)

Nesse mesmo dia, dois dos discípulos estavam a caminho de um povoado, chamado Emaús, distante uns doze quilômetros de Jerusalém. Eles conversavam sobre todos estes acontecimentos. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e pôs-se a acompanhá-los. Seus olhos, porém, estavam como que vendados e não o reconheceram. Perguntou-lhes então: “Que conversa é essa que tendes entre vós pelo caminho?” Tristes eles pararam. Tomando a palavra um deles, de nome Cléofas, respondeu: “Tu és o único peregrino em Jerusalém que ainda não sabe o que aconteceu lá nestes dias?” Ele perguntou: “O que foi?” Eles disseram: “A respeito de Jesus de Nazaré que tornou-se um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo. Nossos sumos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse ele quem iria libertar Israel. Agora, porém, além de tudo, já passaram três dias desde que essas coisas aconteceram. É verdade que algumas de nossas mulheres nos assustaram. Elas tinham ido de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo. Voltaram dizendo que tinham tido uma aparição de anjos e que estes afirmaram estar ele vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, acharam tudo como as mulheres tinham dito; mas não o viram”.

E Jesus lhes disse: “Ó homens sem inteligência e de coração lento para crer o que os Profetas falaram. Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?” E, começando por Moisés e por todos os Profetas, foi explicando tudo que a ele se referia em todas as Escrituras. Quando se aproximaram do povoado para onde iam, Jesus fez menção de seguir adiante. Mas eles o obrigaram a parar: “Fica conosco, pois é tarde e o dia já está terminando”. Ele entrou para ficar com eles.

E aconteceu que, enquanto estava com eles à mesa, tomou o pão, rezou a bênção, partiu-o e lhes deu. Então, abriram-se os olhos deles e o reconheceram, mas ele desapareceu. Disseram então um para o outro: “Não nos ardía o coração quando pelo caminho nos falava e explicava as Escrituras?” Na mesma hora se levantaram e voltaram para Jerusalém. Lá encontraram reunidos os Onze e seus companheiros, que lhes disseram: “O Senhor ressuscitou de verdade e apareceu a Simão”. Eles

também começaram a contar o que tinha acontecido no caminho e como o reconheceram ao partir o pão.

Reflexão

Interessante perceber, em primeiro lugar, que havia dois discípulos, e não apenas um, a caminho de Emaús. Eles conversavam sobre o que havia se passado com Jesus. E sem que eles O invocassem expressamente, Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Isto é, Jesus se pôs no meio deles; cumprindo, há apenas três dias de sua morte, a promessa: “onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, aí também eu estarei”. Os discípulos não precisaram invocá-lo. Eles sequer o reconheceram de imediato. Porém, por causa do cunho de suas preocupações, Jesus se fez presente.

Não acontece o mesmo conosco? Quando nos ocupamos de assuntos nobres, de cunho espiritual, não podemos sentir, mesmo sem invocar, a presença plenificadora de Deus? Porém, o que, de fato, acontece é que na maioria das vezes não O notamos. Nossos olhos, assim como os dos discípulos de Emaús, encontram-se impedidos de reconhecê-Lo.

E Jesus, usando de todas as formas para aproximar-se de seus amados, os interpela: Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?

Note que, primeiramente, Ele se aproximou, mas não foi o suficiente. Então, Ele tentou entrar na conversa, mesmo assim não conseguiu que O reconhecessem. Como se não bastasse, ambos O fitaram com o rosto sombrio.

Muitas vezes, Jesus se aproxima de nós; não O vemos. Outras vezes, Ele nos interpela; não O ouvimos. Muitas vezes, enquanto Jesus está a nos consolar no meio do caminho; nós O estamos cumulando com as nossas frustrações, nossas ansiedades. Sequer damos o tempo necessário para que as coisas aconteçam. Não esperamos que o Cristo ressuscite na nossa história. É preciso que Ele nos lembre, assim como fez com aqueles discípulos: “Ó homens sem inteligência e de coração lento para crer o que os Profetas falaram. Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?”

É nesse momento que Jesus sente a necessidade de interpretar-lhes as Escrituras. E assim Ele o fez: “foi explicando tudo que a ele se referia em todas as Escrituras”.

Ele não faz o mesmo conosco? Ele não nos fala, magistralmente, através de Sua Palavra? Se quisermos, podemos ter um encontro com Deus, que se dirige a nós através da Palavra.

Jesus encontra diversas formas de vir ao nosso encontro.

Aqueles discípulos O viam, conversavam com Ele, escutavam suas explicações, mas, mesmo assim, não O reconheciam. Porém, algo dentro deles clamava pela presença do seu Senhor, e eles não puderam deixar de insistir para que permanecesse com eles. “Fica conosco, pois é tarde e o dia já está terminando”. E Jesus parece ter feito de propósito, simulou que os abandonaria. Foi quando eles sentiram a necessidade de impedir que Ele os deixasse.

O mesmo não acontece conosco? Mesmo que nossos olhos não O possam enxergar, mesmo que nossos ouvidos não reconheçam a sua voz, mesmo que o nosso intelecto não O possa captar, nosso coração, sedento de Sua presença, exclama: Fica conosco, Senhor, pois já é tarde e o dia termina.

Obviamente Jesus aceita o convite, rende-se ao nosso clamor. Basta que o façamos.

Que alegria para aqueles discípulos sentarem-se à mesa e tomarem a ceia com Jesus.

Quantas vezes Jesus não nos aguarda com a mesa posta, o banquete pronto a nossa espera, e nos desviamos da sua presença? Podem imaginar? Quantas vezes nossos olhos se recusam a se abrir e O reconhecer como nosso único Deus e salvador?

Mas os discípulos de Emaús foram mais felizes: Seus olhos se abriram e O reconheceram.

“Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles O reconheceram. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.”

Façamos o mesmo, abramos nossos olhos e deixemo-nos tomar pela presença inebriante do Cordeiro de Deus.

Na Eucaristia podemos fazê-lo. Jesus se coloca à nossa disposição na hóstia consagrada. Naquele momento, o Seu sacrifício se renova e se completa e, ao comungarmos, Ele ressuscita em nós. Por essa razão, Ele fica invisível aos nossos olhos. Não precisamos mais fitá-Lo, é nosso coração que arde em Sua presença.

São José dos Campos, 12 de junho de 2005.